



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Aggression, indiscipline and violence: triad in threads of (in)visibility in contemporary education.

Antonia Magaly Conceição de Oliveira¹

Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto²

Resumo: (In)visibilidade é fenômeno presentificado em diversas esferas das dinâmicas sociais que provoca tensionamento e mal estar entre sujeitos em relação, incluindo as relações tecidas no campo educacional. Nessa seara, é possível pensar que episódios de agressão, (in)disciplina e violência, recorrentes na educação contemporânea, constituem-se a partir de fios de (in)visibilidade. O intento deste trabalho é adensar conceitos, propiciando um mergulho reflexivo sobre a temática, vez que o fenômeno da (in)disciplina inquieta professores, exigindo forças hercúleas na sua tratativa cotidiana em sala de aula. Portanto, identificar, conceituar e diferenciar esses fenômenos, possivelmente, favorecerá a habilitação dos docentes em sua *práxis*, dotando-os de práticas pautadas na escuta e na (re)visão de didáticas diante das indisciplinas.

Palavras-chave: Agressão. (In)Disciplina. (In)Visibilidade. Violência. Educação Contemporânea.

Abstract: (In)visibility is a phenomenon present in various spheres of social dynamics that causes tension and discomfort among subjects in relationships, including relationships woven in the educational field. In this area, it is possible to think that episodes of aggression, (in)discipline and violence, recurrent in contemporary education, are constituted from threads of (in)visibility. The intention of this work is to delve deeper into concepts, providing a reflective dive into the theme, since the phenomenon of (in)discipline worries teachers, demanding herculean strength in their daily dealings in the classroom. Therefore, identifying, conceptualizing and differentiating these phenomena will possibly favor the qualification of teachers in their praxis, providing them with practices based on listening and (re)vision of didactics in the face of indiscipline.

Keywords: Aggression. (In)Discipline. (In)Visibility. Violence. Contemporary Education.

¹ Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. ORCID: [0009-0004-5596-631X](https://orcid.org/0009-0004-5596-631X) - E-mail: antoniamaagalyoliveira@gmail.com.

² Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. ORCID: [0000-0001-9750-9767](https://orcid.org/0000-0001-9750-9767) - E-mail: agssab@gmail.com.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Introdução

O rapaz entrou calmamente na sala de aula, deu boa noite, pediu licença, dirigiu-se a um estudante em específico e, de costas para a professora regente, desferiu sonoro tapa, no rosto do colega, proferindo ameaças verbais diretas e utilizando palavras de baixo calão, em tom baixo e ameaçador, conforme relato posterior do adolescente agredido. Após isso, o agressor saiu da sala de aula.

Esse episódio ocorreu numa sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola pública municipal da região metropolitana de Salvador – Bahia, no turno noturno, e pode se repetir em outras salas de aula. Esse exemplo veio à baila neste estudo para ilustrar as inúmeras vezes em que os docentes presenciam o passe da (in)disciplina para a agressão e/ou violência em seu cotidiano. Nesse sentido, a realidade escolar contemporânea suscita, nos docentes, a necessidade de agirem com fundamentação e rapidez frente às situações desafiadoras que envolvem essas questões.

Em adição, os professores inquietam-se, muitas vezes, por reconhecerem que atitudes de agressão, (in)disciplina e violência emergem pouco a pouco, em circunstâncias de (in)visibilidade, pequenos impasses das relações, em que os sujeitos implicados passam despercebidos no cotidiano da escola.

Portanto, a relevância de resgatar esses três conceitos entremeados pela (in)visibilidade, uma vez que, em muitas situações, de início, escapam ao olhar, a (in)disciplina é acompanhada de afetos agressivos e violentos no ambiente escolar. Assim, o ponto nevrálgico deste estudo envolve as situações em que ocorre o passe da (in)disciplina para a agressão e/ou para a violência, sendo imprescindível aprofundar teoricamente esses constructos, à luz do fenômeno da (in)visibilidade.

Neste cenário, emergem alguns questionamentos fundantes: Existem diferenças entre esses constructos? Formas diferentes nas concepções da (in)disciplina impactam na forma de manejá-la na ambiência escolar? A (in)visibilidade instiga os sujeitos a buscarem ser vistos por meio de episódios de mal-estar social? Esses questionamentos primevos nos levaram a clivar a problemática deste estudo: De que maneira a



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

(in)disciplina, a agressão e a violência em sala de aula fundam-se na (in)visibilidade, implicando na práxis dos docentes.

Assim, objetivamos conceituar e diferenciar esses constructos, em paralelo a ponderações a respeito da (in)visibilidade, identificando possíveis implicações pragmáticas no ambiente educacional da educação contemporânea, sem perder de vista as reflexões a respeito da *práxis* docente.

A pertinência em diferenciar os conceitos está no sentido de contribuir no entendimento dos fenômenos envolvidos no ato de ensinar e aprender, posto que as temáticas podem ser analisadas sob diversos ângulos. Quanto à violência em específico, seja protagonizada ou sofrida pelo estudante ou pelo professor(a), encontra-se no centro de preocupações do meio escolar contemporâneo. Portanto, faz-se necessário a busca conceitual desses fenômenos, a fim de ampliar seu entendimento e provocar reflexões.

Caminhos metodológicos

Neste estudo, foi utilizada a abordagem qualitativa para a apreensão de questões relacionadas à agressão, à (in)disciplina e à violência, enlaçadas pela (in)visibilidade no contexto educacional. A pesquisa bibliográfica foi a metodologia empregada, explorando, em alguma proporção, as contribuições de estudos anteriores sobre o tema. Essa análise oportuniza uma revisão de literaturas correlatas, abrangendo conceitos relevantes relacionados ao objeto de estudo.

A escolha pela investigação qualitativa exprime-se pela perspectiva adotada para a realização da presente pesquisa, que nos ajuda a identificar a diferenciação e o imbricamento dos constructos em foco. Conforme Minayo (1994, p. 21), a vertente da pesquisa qualitativa “[...] se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Logo, esse é o ponto nodal deste trabalho, haja vista que os holofotes investigativos voltam-se para elementos subjetivos e não quantitativos.

Dessa maneira, este escrito é composto de quatro unidades textuais que se complementam, a saber: I) Notas teóricas sobre a agressão; II) Notas teóricas sobre a



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

(in)disciplina; III) Notas teóricas sobre a violência e IV) A escuta enquanto dispositivo facilitador.

(In)visibilidade: apagamento do sujeito

Nos ambientes implicados no processo de ensinar e de aprender, além da (des)(re)construção de saberes, ocorre a tessitura de relações intersubjetivas, contudo, essa tessitura é eclipsada devido ao fenômeno da (in)visibilidade, fenômeno que não se instaura em razão de incapacidade fisiológica de olhar mas, de atitude (não) intencional de ver fragmentos do contexto cotidiano e dos sujeitos, supostamente em relação, voltando a atenção àqueles que nos provocam prazer e negando-a àqueles que nos provocam desprazer.

Portanto, é possível pensarmos que a (in)visibilidade do sujeito no processo educacional advém de não atender a critérios definidos institucional ou pessoalmente, o que o reduz à condição cognitiva, social ou afetiva que o marca em detrimento das diversas potências e atos que o constituem, o que nos leva a memorar Moscovici (2013, p. 31) que postula que a (in)visibilidade: “[...] não se deve a nenhuma falta de informação devida à visão de alguém, mas a uma fragmentação preestabelecida da realidade, uma classificação das pessoas e coisas que a compreendem, que faz algumas delas visíveis e outras invisíveis”.

Outrossim, não raro o aluno se presentifica no campo visual do professor, entretanto, esse não o percebe em seus desejos e demandas, fazendo-o desaparecer na própria subjetividade, considerando-o, apenas mais um de muitos, em processo impossível de igualar que o faz desaparecer. Nesse sentido, Porto (2006, p. 4) define a (in)visibilidade social como um constructo que se refere “[...] a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, o que nos leva a compreender que tal fenômeno atinge tão somente aqueles que estão à margem da sociedade”.

Em adição, Souza (2013) refere-se que a expressão visível é desencadeadora das dinâmicas de subjetivação no sujeito, ao ser nomeado pelo outro que a vê, ao passo que (in)vizibilizá-lo barra sua inventividade, curiosidade, capacidade, incompletude,



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

reduzindo-a ao enquadre coercitivo aos demais. Assim, é possível afirmar que a (in)visibilidade retira o aluno de sua subjetividade, relegando-o à opacidade, projetando-lhe um olhar que não o vê, posto que projeta aquilo que o professor acredita ver, metaforicamente, constituindo venda, limitando-o à condição daquele ou daquela que não atende às suas expectativas.

Desse modo, a (in)visibilidade no processo de ensinar e de aprender orbita entre a fuga do professor ao afeto desprazer e a busca de afeto prazer, na medida em que, muitas vezes, o aluno é visto apenas como parte de um grupo cujos integrantes supostamente têm a mesma identidade e, portanto, “[...] não são conhecidos, percebidos, compreendidos, examinados e realmente vistos em suas competências e necessidades, desaparecendo na própria individualidade” (Costa, 2008a, p. 23), o que reverbera na constituição do desprazer no campo psíquico do aluno, pois a (in)visibilidade:

[...] tem a força de ressecar expressões corporais e simbólicas dos humanos então apagados. Pode abafar a voz e baixar o olhar. Pode endurecer o corpo e seus movimentos. Pode emudecer os sentimentos e fazer fraquejar a memória. Faz esmorecer – em todos estes níveis – o poder de aparição de alguém (Costa, 2008b, p. 15).

Diante dessa afirmação, notam-se implicações que a (in)visibilidade acarreta aos sujeitos nos diferentes contextos e que estão em relação com outros sujeitos, em termos de violência simbólica mediante a privação da liberdade de expressar-se e calando-lhe a fala. Especialmente, pode-se imaginar as repercussões na constituição da (in)disciplina, haja vista o sujeito não visto, clamar pelo olhar do outro, em atitudes que se figuram em gritos por atenção.

Logo, a negação da complexidade em que nos constituímos compromete o processo de ensinar e de aprender, minando o aluno no desenvolvimento de suas potencialidades e na sua constituição enquanto sujeito, pois “[...] a garantia que dá a certeza de seu próprio valor e, em particular, do valor de seu próprio corpo ou de sua própria linguagem, é intimamente associada à posição ocupada no espaço social e também à trajetória” (Bourdieu, 2007, p. 194). Desse modo, a negação dos fragmentos e da inteireza do sujeito sabota o ofício de ensinar e retira o aluno do lugar de aprender, na



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

medida em que a relação pedagógica funda-se essencialmente na dialogicidade que, alicerça-se, por sua vez, na fala e na escuta, dinâmica à qual o aluno (in)visibilizado é subtraído, fazendo-o incorpóreo, silenciado, apagado.

Assim, essas ponderações sobre o desprazer provocado pela (in)visibilidade nos alunos barrados no processo de ensinar e de aprender remete-nos a discorrer sobre os fenômenos da agressão, da violência e da (in)disciplina.

Notas teóricas sobre a agressão

O conceito de agressão, em sentido literal, significa a ação ou o efeito de agredir, ferir ou ofender alguém. A agressão é um comportamento humano e, portanto, pode ser encontrada (em maior ou menor intensidade) em todos os seres humanos, sendo demonstrada por meio de linguagem abusiva, danos a objetos e propriedades, agressão a si mesmo e aos outros e ameaças a outros. De um modo geral, todo comportamento, que pode potencialmente prejudicar outras pessoas, está incluído na agressão.

Esse dano pode ocorrer em nível físico ou psicológico, podendo ser prejudicial à propriedade, e não necessariamente ao sujeito. O comportamento pretendido para prejudicar os outros é o ponto a ser lembrado em uma definição de agressão, o que significa que a agressão pode estar mais na intenção do que na ação. Assim, a intenção está ligada à agressão, pois é um elemento constitutivo, enquanto a violência em si diz respeito à ação.

Sob esse viés, a agressão, por ser constitutiva, é encontrada em todas as culturas, contudo, em algumas, é um modo de vida aceito, enquanto, em outras, é menosprezada e mal valorada. Dessa forma, apesar da agressão, enquanto **emoção**, ser tratada como normal em algumas culturas, não é aprovada em outras.

Esse fenômeno normalmente é resultado da raiva, que pode surgir devido a vários sentimentos, tais como: desconfiança, desesperança, injustiça, superioridade e vulnerabilidade. Sendo um componente constitutivo, a agressão está ligada às substâncias químicas cerebrais, como a serotonina e a testosterona. Nesse sentido, há grande relação com as questões corporais e subjetivas, traduzidas a partir da condução



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

de cada sujeito às intempéries encontradas na vida e às respectivas formas de defesa e enfretamento que lançam mão para atuar no mundo.

Agressão enfrontada na violência, mas separada em ação

Vale ainda citar que a violência é a agressão em ação. Há intencionalidade em se ferir ou ferir outra(s) pessoa(s). No entanto, nem toda agressão leva à violência, mas a intenção de ferir outras pessoas permanece na raiz da violência. Como exemplo, temos os predadores que caçam suas presas, mostrando uma violência que não é resultado de raiva (emoção), apenas estão atendendo ao apelo do instinto de sobrevivência e respeitando o ciclo da cadeia alimentar e da vida. Já em seres humanos, é plausível citar o exemplo do bebê que chora copiosamente quando está com fome ou sede, isto é, chora pelo que lhe falta instintivamente, não há uma escolha consciente.

Nesse viés, encontra-se o cerne da diferenciação entre a agressão e a violência, tendo em vista que a agressão é constitutiva e a violência é construída socialmente. Dessa maneira, essa diferenciação norteia a proposta deste estudo, que aponta para a presença desses fenômenos, compondo a ambiência da sala de aula, mas sem confundi-los com a (in)disciplina.

Notas teóricas sobre a (in)disciplina

Ao conceituar (in)disciplina, devem ser evitadas as posturas de ingenuidade, culpabilidade, romantismo e reducionismo, apenas para citar alguns dos diversos desvios a que estamos expostos, ao tentar simplificar a tarefa. Um caminho que se desenha oportuno é diferenciar disciplina de (in)disciplina, clivando esse duo que cria a monocórdia (in)disciplina, para tentativas de entendimento. A partir deste momento, adotaremos a grafia *(in)disciplina* para referir-nos ao fenômeno indisciplinar.

Na etimologia da palavra, (in)disciplina é formada pelo seu radical contrário 'disciplina' e o prefixo de negação 'in', logo, 'in + disciplina', em sentido literal, versa como o contrário de disciplina, significando desobediência, insubordinação, comportamento de quem não obedece às regras, às normas ou aos preceitos. A partir disso, faz-se



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

enriquecer esta análise, reunindo elementos que oportunizem nos afastar de uma visão simplória da (in)disciplina, fenômeno tão estudado e impactante.

Ao passo que a palavra disciplina, do verbo latim *discere*, que significa aprender, tem a mesma origem da palavra “discípulo”, correspondendo àquele que aprende, que recebe uma disciplina, um ensinamento de um sujeito suposto saber (SSS)³ e, por isso, se torna “aquele que segue”, sugerindo escuta, obediência e respeito.

Há também a prevalência de alguém que ordena e alguém que obedece, estabelecendo uma relação de autoridade⁴, ou seja, de um indivíduo em crescimento, amadurecimento e desenvolvimento. No entanto, essa visão da disciplina como uma prática pedagógica, que versa sobre o desenvolvimento e a maturação do estudante não é sempre partilhada por todos e pode ser vista comumente como uma repressão. Nesse sentido, Parrat-Dyan (2008, p. 8) declara:

A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências. Quem olha para a disciplina como algo negativo não entende o que é.

Assim, a autora ratifica a necessidade de seguimento de regras para a manutenção do equilíbrio nesta relação. Contudo, outros autores, como Koff & Pereira (1999, p. 149), guardam os dois sentidos:

[...] a disciplina não pode mais ser encarada, unicamente, como manutenção da ordem, através da obediência a regras preestabelecidas. É claro que esta ‘nova escola’ deve superar a visão disseminada pela literatura clássica, onde o que importa é a moldagem do comportamento e o estabelecimento de atitudes aceitáveis. É imprescindível a existência de padrões de comportamento adequados à vida em grupo, mas é fundamental reconhecê-los culturais e passíveis de revisão. Uma dada situação pode exigir atitudes consideradas indisciplinadas em outros contextos. Do mesmo modo que, muitas vezes, reagir obedientemente representa abandonar a construção de ações originais e criativas.

³De acordo com Roudinesco & Plon (1998, p. 769), o sujeito suposto saber significa instalar o analista no lugar de quem sabe mais e lhe atribuir o “saber absoluto”. Esse lugar também pode ser atribuído ao docente por parte do discente.

⁴A autoridade, segundo Arendt (2016, p. 129), assenta-se na hierarquia com legitimidade reconhecida e sempre exige obediência. Contudo, “[...] exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou”, pois “[...] onde se utilizam argumentos, a autoridade é colocada em suspenso”.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Em ambas as definições supracitadas, no contraponto de disciplina e (in)disciplina, as palavras ordem, normas e regras são elementos comuns e indispensáveis.

Sob essa perspectiva, Vasconcellos (1994, *Apud* Pires, 1999, p. 182) nos alerta que “[...] a sociedade espera que a sala de aula seja um lugar de submissão, de doutrinação, de seleção natural, de domesticação”. Em outras palavras, ser (in)disciplinado seria senão, na origem da palavra, o “não aprender” e isso implica subverter as ordens ditadas pela sociedade, bagunçando o ambiente de sala de aula. Enquanto ser disciplinado corresponde a obedecer aos ditames do esperado, de forma anuente. Dessa forma, a dicotomia instalada refere-se à busca de certa obediência às regras existentes, sair desse quadrado de obediência talvez incomode aos líderes e sujeitos da escola.

Em suma, neste sentido, a (in)disciplina é tratada como um comportamento contrário à disciplina e “[...] inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência e desacato, traduzido na falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora” (Rego, 1996, *Apud* Betcher, 2018, p. 2). Sob esse viés, a (in)disciplina seria a negação do discipulado, a não aprendizagem, ou seja, não querer ser educado, no seu sentido primário, o de conduzir. Logo, indisciplinado passa a ser aquele que não quer ser conduzido por seus(suas) professores(as), mas sim por suas próprias decisões e regras.

No entanto, Betcher (2018) assevera que a (in)disciplina ser tratada à feição de um problema de comportamento é um conceito errôneo e deve ser revisto. Assim, para além da análise com um cunho apenas comportamental e atitudinal, faz-se fundante para a caracterização da (in)disciplina, bem como favorece nossa tarefa de conceituar o fenômeno e, conseqüentemente, entendê-lo, considerar os aspectos psicossociais e subjetivos que o envolvem.

Cabe ressaltar que vários são os ângulos sob os quais a (in)disciplina pode ser vista, diante disso, seguem alguns que merecem citação e apreciação. Para tanto, serão elencados conceitos de (in)disciplina sobre a visão de alguns autores, buscando ampliar a discussão do tema e enriquecer o olhar sobre sua análise.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Consoante a Aquino (1996, p. 48): “A indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares.”

Na análise desse autor, a (in)disciplina é interpretada como um atributo interno a se expandir para a sociedade, mediante às intervenções recebidas no seio familiar. Portanto, há um trânsito que permite um movimento que se expande, do intrínseco para o extrínseco, do individual para o coletivo.

Considerando a (in)disciplina no sentido de uma forma de se colocar no mundo, Freitas (2007 *Apud* Betcher, 2018) evidencia que: “A (in)disciplina pode ser vista como uma forma do indivíduo se mostrar para o mundo, mostrar sua existência; em alguns casos, tem somente a intenção de ser ouvido por alguém”. Portanto, o autor destaca a necessidade de escuta por parte do sujeito que se mostra indisciplinado. Nessa interpretação, a (in)disciplina convoca que o sujeito seja ouvido, há um apelo para ser percebido e escutado, fincando a sua existência pela necessidade de ser conhecido e (re)conhecido pelo outro.

Em adição, pode ser citada a (in)disciplina na acepção de sintoma⁵. Apropriando-nos do termo cunhado pela Psicanálise, consideremos que:

[...] [a] indisciplina pode ser uma maneira da criança e do jovem informarem que algo não vai bem. Nesse sentido, seria um sintoma cujas causas podem estar localizadas na esfera pessoal, familiar, escolar ou comunitária (Póvoa & Sudbrack, 2004 *apud* Betcher, 2018).

Nessa interpretação, a (in)disciplina mostra-se enquanto um sintoma, no sentido de indício, sinal, traço de algo maior, podendo alcançar proporções que transitam do individual ao coletivo. Portanto, na esteira de sentidos desse fenômeno, acolhemos a concepção da (in)disciplina enquanto elemento revelador de outros elementos, ou seja, um sintoma. Apesar de não ser um problema terapêutico, a (in)disciplina pode revelar quais são os problemas terapêuticos que podem e precisam ser tratados e (re)elaborados por todos os envolvidos em sua consecução.

⁵ Para Freud (1992), sintomas são consequências de um conflito psíquico, em que há busca de satisfação de libido. Existem forças que entram em luta e o sintoma funciona como uma tentativa de reconciliação dessas forças.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Notas teóricas sobre a violência

Em geral, a violência é conceituada à feição de ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais, descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. Todavia, a violência não deve ser reduzida apenas ao plano físico, podendo se manifestar também por signos, preconceitos, metáforas, imagens, ou seja, por qualquer elemento que possa ser interpretado como um aviso de ameaça, sendo, neste caso, uma violência simbólica. Logo, trata-se das representações da violência que vão sendo construídas.

Segundo Gilberto Velho (2000, *apud* Silva & Salles, 2010, p. 218),

[...] a violência não se limita ao uso da força física, mas à possibilidade ou ameaça de usá-la, constitui dimensão fundamental de sua natureza, associando-a a uma ideia de poder, quando se enfatiza a possibilidade de imposição de vontade, desejo ou projeto de um sujeito sobre o outro.

Ainda, de acordo com os autores, o que caracteriza a violência é “[...] o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos que se soma à miséria, à exclusão, à corrupção, ao desemprego, à concentração de renda, ao autoritarismo e às desigualdades presentes na sociedade” (Silva & Salles, 2010, p. 218). Assim, o cerne desta discussão repousa no fato de que a violência é adquirida socialmente.

Além disso, a violência foi definida pela OMS – Organização Mundial de Saúde (2002, p. 5) como:

[...] o uso intencional de força física ou poder, em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si próprio, outra pessoa ou contra algum grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Por meio dessa definição, é possível evidenciar a existência de níveis e tipos diferenciados de violência, graduando seu alcance e possíveis consequências. Logo, a conceituação de violência depende do contexto que alcança um determinado período histórico e uma cultura distinta, o que a torna mutável e relativa em sua expressão e entendimento. Por muitas vezes, o medo da violência, que permeia os pensamentos das pessoas, não se concretiza por atos e práticas materiais, o que pode alterar a maneira de



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

viver, ainda que inconscientemente. Segundo o pensamento de Abramovay (2005), é preciso recusar a perspectiva de dimensionar a violência somente ao que realizamos e punimos, mas estar alerta aos processos e suas construções, o que requer atenção aos trânsitos entre conflitos e violências no cotidiano.

Etimologicamente, o termo violência é originário do latim *violentia*, que significa caráter violento, força. Ainda, outro vocábulo que merece destaque é *violare* que diz respeito a transgredir, evidenciando a relação dos dois significados com a palavra “vis”, se refere à força, à essência de uma coisa, ou seja, a força em ação. No grego, o mesmo termo “vis” corresponde a vigor, músculo e está ligado à “bia”, que significa força do corpo ou o emprego da força. Ademais, cabe destacar que todos os termos mencionados, ao serem analisados na língua sânscrita, reportam-se à potência ou dominação, o que nos oportuniza uma análise que reflete enlaça as violências às questões de poder.

Segundo Soares, Bill & Athayde (2005, p. 245), o termo violência possui diversos significados:

Pode designar uma agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história despretensiosa, ainda diferença ante o sofrimento alheio, a negligência com os idosos, a decisão política que produz consequências sociais nefastas [...] e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes.

Desse modo, fica evidenciado pelo autor que não existe uma forma consensual e incontroversa de conceituar esse termo, devido à sua magnitude e ao seu alcance. No entanto, para algumas correntes de estudos, a violência se apresenta apenas na forma de violência física, através de prejuízos irreparáveis às pessoas, por isso, exigem manifestações do Estado para existirem punições. Para além dessa, existem outras abordagens da violência, a moral, a simbólica ou a social, tendo-se em vista que essa concepção, a princípio, não seria a única correta, mas encontra amparo legal no Código Penal e, por sua vez, serve de fundamento para a ação de vários profissionais, a exemplo de médicos e policiais, que lidam diuturnamente com episódios de violência.

Considerando as mais diversas e complexas maneiras de se definir violência, cabe ainda citar as questões de direitos, relacionadas à civilidade e referentes aos efeitos



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

dessas ações, como o dano. O objeto dessas ações pode referir-se aos direitos materiais, bem como culturais e simbólicos, tendo em vista que se trata de uma relação entre indivíduos da sociedade. Assim, segundo Michaud (1989, p. 11):

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta, indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, em suas posses ou participações simbólicas e culturais.

Ademais, é plausível destacar o componente social que permeia a conceituação da violência nas mais diversas abordagens. Logo, visando não simplificar a conceituação de violência, faz-se necessário compreender que uma definição de violência depende de critérios de referência, como o jurídico, o institucional, relacionado aos valores de um grupo, às disposições pessoais e ao tempo histórico. Nesse sentido, Michaud (1989, p. 14) corrobora com esse pensamento quando propõe:

É preciso estar pronto para admitir que não há discurso nem saber universal sobre violência: cada sociedade está às voltas com sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito. As grandes questões filosóficas e as grandes respostas se substituíram e se substituem, cada vez mais, pelas ações através das quais as sociedades se administram.

Destarte, a depender da tônica que seja dada à interpretação da violência, podem emergir caminhos diferentes em sua interpretação, desde uma concepção de violência que danifica e destrói ou uma violência que funciona até como redentora e revolucionária. Dessa maneira, conclui-se que a violência pode não ter uma definição única e universal e não é o objetivo deste estudo esgotar o tema. Contudo, é primordial ter os seus pressupostos analisados, haja vista que cada sociedade tem uma realidade diversa e segue seus critérios próprios, possuindo uma maneira singular de resolver seus problemas, devendo-se respeitar a peculiaridade inscrita em cada coletividade, ou ainda, considerar as representações sociais da violência.

Desse modo, não se pode negar a subjetividade do conceito da violência, pois ela não se apresenta de maneira limitada, tendo por base somente a violência percebida de acordo com o caso concreto, mas se fundamenta, também, em sensações que atingem uma sociedade, tais como o sentimento de insegurança que ronda a vida das pessoas e as



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

fazem reféns do medo. Assim, as pessoas podem tornar-se prisioneiras em suas próprias casas, por terem medo de sofrer algum dano material ou físico.

Dessa forma, a proposta é pensar a violência de forma ampla, evitando limitá-la ao dano físico, tendo em vista que isso desconsideraria as conquistas no campo dos direitos humanos, relacionadas ao reconhecimento da humanidade nas suas diversidades, o que poderia refletir, por exemplo, nos preconceitos contra etnias, classes, gêneros etc.

Em termos de tipologia, a violência pode ser classificada seguindo múltiplos critérios. Um estilo de classificação proffícua e que comunga com a proposta deste estudo é apresentada por Iborra & Sanmartín (2011), quando os autores definem a violência a partir do tipo de ação, do dano causado, do agressor, da vítima e do cenário ou contexto em que ocorre. Essa análise realiza uma taxonomia sobre o fenômeno da violência, resgatando diversos olhares sobre sua consecução.

No espaço escolar sob a visão dos(as) professores(as), objeto que mais nos interessa neste estudo, é usual considerar que a violência está aumentando, quantitativa e qualitativamente ou, ainda, no requinte de sua expressão. Logo, não é ocasional o fato dos(as) professores(as) assinalarem maior frequência no cotidiano escolar de ameaças e agressões verbais entre os estudantes e entre os adultos presentes no ambiente da escola. Ainda, cabe um destaque para a violência sugerida, principalmente, como desrespeito, constante no meio escolar, o que pode evidenciar a banalização da violência, provocando, inclusive, que vários atos deixem de ser percebidos como violentos.

Dando continuidade à discussão sobre a violência, Charlot (2002) traz uma caracterização oportuna aos trâmites desta pesquisa quando retrata a violência escolar em: violência na escola, violência à escola e violência da escola. O autor argumenta que essa distinção é importante, haja vista que a escola é, em grande medida, impotente no que diz respeito à violência suas ambiências, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo. Nesse sentido, a violência vem do exterior e se traduz no ambiente interno da escola, emergindo como uma consequência social. Cabe, neste ponto, diferenciar o significado de violência e de comportamentos violentos, pois são fenômenos distintos. A



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

violência é um fenômeno multicausal, ou seja, nem toda violência se tornará um comportamento violento. Os componentes que compõem a subjetivação do sujeito influenciam na expressão dos seus afetos⁶, podendo ou não gerar comportamentos considerados violentos pelos parâmetros estabelecidos na sociedade.

Marcadores dos fenômenos agressão, (in)disciplina e violência

Docentes e discentes afetam-se pela prevalência dos marcadores de agressão, (in)disciplina e violência que podem ser cunhados de rebeldia, quebra de regras, sintoma, insubordinação criadora, todos com valorações desagradáveis. Desse modo, a posição adotada neste estudo foi construída diante dos atos ditos agressivos, (in)disciplinados e violentos enquanto sintomas, que sinalizam o que precisa ser olhado, escutado, refletido, revisitado e, possivelmente, modificado nas pedagogias contemporâneas.

Os signos imagéticos que habitam as subjetivações do(a) professor(a) podem afetar a posição adotada, na forma de representar e lidar com as agressões, (in)disciplinas e violências. Esses fenômenos são atos com significado a ser descoberto e desvelado cotidianamente por quem os vivencia e por serem fenômenos multicausais, são também construções coletivas, convocando a uma escuta qualificada e a proposição de reedições no seu manejo. Essa postura exige a capacidade reflexiva dos diversos atores presentes no processo de ensinar e aprender, a saber: docentes, discentes, gestão escolar, coordenadores pedagógicos, pessoas de apoio ao sistema educacional e famílias.

Nessa construção de sentido, o ponto nodal é conceber esses sintomas, pois um sintoma nunca é um elemento isolado, ele é revelador de outras questões, nesse caso, fatores relacionados ao processo educacional. Sendo assim, a proposição é conhecê-los, defini-los e manejá-los de forma a minimizar ou evitar prejuízos aos envolvidos no processo de ensinar e aprender.

⁶Afetos: tudo que nos afeta. Segundo Freud (1976), afeto é um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui uma gradação de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Escuta: elemento basilar à superação de (in)disciplina, agressão e violência

Vale ressaltar que a ideia de contemporaneidade averbada neste estudo não se restringe à marcação temporal ou de espaço, mas à descontinuidade transformadora e construtora que potencializa novos sentidos acerca da posição e do lugar que ultrapassam os limites do cotidiano. São cobradas dos docentes contemporâneos forças hercúleas para a tratativa desses fenômenos em seu dia a dia.

Não raro, os sujeitos empregam ouvir e escutar em termos de sinonímia, contudo, há uma distinção entre esses vocábulos sendo que, conforme Barthes (2009, p. 235) “ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um acto psicológico”, em outras palavras, ouvir alude a processo automático, determinado pela organografia e fisiologia do sujeito, somente impedida por fatores de natureza patológica ou por uso de artefatos que lhe bloqueiam, ao passo que escutar configura-se em escolha de deixar fluir a atenção em uma circunstância ou sujeito para apreender algo além do dito. Em adição, Nancy (2014, p. 19), afirma que “escutar é dar ouvidos”, “[...] é uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietude”, o que nos remete ao movimento de entrega de si à escuta que se funda no desejo de conhecer, à medida em que se admite não conhecer.

Frente às inquietações no que tange à (in)visibilidade, (in)disciplina, agressão e violência emerge a relevância da escuta no ambiente educacional, tendo em vista que o ato de ensinar e aprender envolve relações entre pessoas, segundo Ornellas (2014, p. 28): “A escuta é um instrumento específico da condição humana, funciona como recurso de interação para que o sujeito possa se inscrever na cadeia significativa que dá forma e conteúdo aos seus desejos e afetos, laços e identificações”.

Assim, a escuta, em termos de instrumento da condição humana, ratifica a máxima lacaniana de que é pela fala e pela escuta que nos comunicamos com o outro, estabelecendo a lei da linguagem como a lei do ser humano. Em sua teoria, a Psicanálise nos legou constructos teóricos para pensarmos os variados desafios da educação, proporcionando aos educadores interessados a possibilidade do instrumento da escuta.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Uma escuta bem direcionada pode contribuir para esclarecer as falas, em seus ditos e não-ditos, do mal-estar vivido na escola por professores(as) e estudantes.

Nesse sentido, a autora nos fornece a perspectiva de interpretação e entendimento, ao considerar as dores e as esperanças que permeiam as relações em sala de aula, evidenciando os enlaces relacionais entre o docente e o discente, além da necessidade premente de falar e escutar, por parte de ambos, elaborando as representações de afetos envolvidos.

Assim, a escuta constitui-se em “[...] leitura que inclua o discurso social que circula em torno do educativo e do escolar” (Kupfer, 2000. p. 34), ou seja, na apreensão de falas fundadas na implicação do sujeito escutante e do sujeito falante no contexto de produção dos discursos. Desse modo, vislumbram-se possibilidades de que alunos e professores sejam vistos na subjetividade de seus desejos e expectativas, de suas potencialidades e limitações, de seus afetos de prazer e de desprazer, tornando, portanto factível o manejo antes do aflorar de episódios de (in)disciplina, agressão e violência.

Sob a ótica do ser sócio cognitivo, lança-se mão da escuta no sentido de instituir a perspectiva de entrelaces entre as suas contribuições em diálogo com a Psicanálise. Porém, referimo-nos à Psicanálise para além das paredes dos consultórios individualizados, engajando o sujeito nos seus contextos sociais, políticos e cognitivos, emprestando lugar de fala e aguçando a escuta para os mais diversos espaços de atuação, e em especial para o ambiente escolar.

Nesse viés, a pesquisadora Ornellas (2017, p. 47) assevera:

É pela escuta cuidadosa dos discursos presentes no mal estar, na sala de aula, que se faz preciso o olhar a sala de aula, o pátio, a cantina, o banheiro, a entrada e a saída do aluno, a fim de entender o que o aluno fala, o que o incomoda, o silêncio, o ruído, o prazer e o desprazer do seu processo de aprender.

Com isso, a autora destaca a importância da escuta, expandindo o alcance de entendimento dos fenômenos que permeiam os processos educacionais para os ditos e não-ditos que circulam em todos os espaços escolares. A escuta deve ser permeada pelo interesse frente às necessidades dos docentes e discentes, sujeitos diferentes que se relacionam.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Nesse ponto, talvez caiba ao docente renunciar tentativas de controle em relação ao discente, visando antes escutá-lo, uma tarefa que provoca o docente sobre a escuta de si mesmo mediante às suas performances à feição de educador e também o leva a escutar (mais que apenas ouvir) seus tutelados, abrindo possibilidades inúmeras do discente apropriar-se dos saberes transmitidos, tornando-se produtor do seu conhecimento em relação direta com seus mestres. Assim, todos aprendem e ensinam, de modo autoral, oportunizando mudanças, sempre que necessário.

Considerações Finais

As relações gravosas advindas do fenômeno da (in)visibilidade e da consequente presença de agressões, (in)disciplinas e violências no ambiente das escolas contemporâneas inquietam docentes e discentes, impactando no processo de ensinar e aprender. Assim, discorrer sobre essas temáticas fez-se e faz-se profícuo, sem a pretensão de esgotar o tema.

Debalde os estudos anteriores, que muito contribuíram com a temática em foco, este estudo adensa a diferenciação entre os constructos, aprofundando e ratificando a questão de possíveis acepções que lhe são atribuídas no chão da escola, impactando diretamente na lida com suas consequências diretas e indiretas em sala de aula, com alcances para além dos muros escolares. Saber diferenciar o que está ocorrendo em sala de aula apontará caminhos alternativos para o entendimento e para a tratativa desses fenômenos.

O estofo desse estudo não foi prescritivo, mas sim reflexivo. Assim, a aposta epistêmica delineou construções a respeito da discursividade dos conceitos ora abordados, não com o intento de apresentar “receitas prontas” ou “manuais” paralisar com as invisibilidades, as agressões, as (in)disciplinas ou as violências na escola, mas oportunizando reflexões diante desses fenômenos, no que diz respeito à tratativa docente. Sob essa perspectiva, a(in)disciplina em passe para a agressão e/ou para a violência por parte dos estudantes, que, em alguma medida, são marcados por condições cognitivas, afetivas, políticas e sociais, se constrói na trama do social.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Por partimos de singularidades, subjetivações e diversidades na trama das relações professor-estudante estabelecidas na ambiência escolar, é feito um convite aos docentes para atos conscienciais e reflexivos frente às suas práticas pedagógicas, oportunizando repensarem o seu fazer profissional e agregarem práticas educacionais com uma escuta diferenciada da educação que engloba aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Desse modo, poderemos ser os novos protagonistas da educação, enquanto pesquisadores a integrar um convite ousado e desafiador: reflexionar e mudar, no que for necessário.

O episódio real que iniciou este escrito é um exemplo cabal que ilustra uma situação de (in)visibilidade em que a (in)disciplina teve seu passe para atos agressivos e violentos. Neste ínterim, a temática (in)disciplina desponta, provocando reflexões desafiantes e atinentes a uma educação fundada na escuta dos desalinhos advindos da *práxis*.

A tentativa de controlar e disciplinar os discentes embota as subjetivações, os afetos, as criatividade e os desejos. Neste ponto, há um fator de inflexão a ser considerado: a (in)disciplina especificamente pode emergir como uma insurreição criadora, oportunizando re(criações) e não repetições. Novamente, o olhar e a escuta docentes poderão ajudar a redirecionar os caminhos que serão objetados pela (in)disciplina: serão passes para agressões e violências ou para movimento de (re)significação?

Para não concluir, arrematamos lembrando questões relacionais construídas e (in)visibilizadas socialmente, abarcando concepções das agressões, (in)disciplinas e violências cotidianas. O marcador é um convite desafiador e ousado: reeditar-se, refinar-se, reflexionar-se, reinventar-se. Permitir afetar-se, num diálogo possível entre todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender, já que estamos todos aprendendo e ensinando. A educação ocorre efetivamente e afetivamente quando nos toca, à medida em que vemos os sujeitos e o contexto implicados à educação. Afetados por esta causa, poderemos ser agentes de reflexões e mudanças.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Referências

Abramovay, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005.

Aquino, Júlio Gropa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

Arendt, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

Barthes, Roland. O corpo da música. In: Barthes, Roland **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 233-299.

Betcher, Cleber Nazário. A Indisciplina Escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 03, Vol. 02, pp. 60-70, Março de 2018.

Bourdieu, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007

Charlot, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista Sociologias**, n. 8, p. 432-443, 2002.

Costa, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garís**. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. Tese (Doutorado em Psicologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008b.

Costa, Maria Tereza. **A invisibilidade do aluno superdotado: percepção de uma realidade e um caminho a percorrer**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008a.

Freud, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: Freud, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 129-143.

Freud, Sigmund. **23ª conferência: Los caminos de la formación de síntoma**. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992. v. 13. (Obra original publicada em 1916-1917).

Koff, Adélia Maria Nehme Simão & Pereira, Ana Beatriz. Disciplina: uma questão de autoridade ou participação? In: Candau, Vera Maria (Org). **Rumo a uma nova didática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

Kupfer, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. São Paulo: Escuta, 2000.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Iborra, Isabel & Sanmartín, José. ¿Cómo clasificar La violencia? Taxonomía según Sanmartín. **Criminología y Justicia**, [s. l.], n. 1, p. 22-31, 2011.

Michaud, Yves. **A violência**. Tradução: Laymert G. dos Santos. São Paulo: Ática, 1989. Título original: La violence.

Minayo, Maria Cecília de Souza; Deslandes, Sueli Ferreira & Gomes, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31 Ed. - Petrópolis: Vozes, 2012.

Moscovici, Serge. **Representações sociais: uma investigação em psicologia social**. 6 Ed. - Petrópolis: Vozes, 2013.

Nancy, Jean-Luc. **À escuta**. Belo Horizonte: Edições Chão de Feira, 2014.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

Ornellas, Maria de Lourdes Soares. (Org.). **Afetos: que queres de mim?** Jundiaí: Paco, 2017.

Ornellas, Maria de Lourdes Soares. (Org.). **Entre-linhas: Educação. Psicanálise e Subjetividade**. Salvador: Edufba, 2014.

Parrat-Dayán, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

Pires, Dorotéia Baduy. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 66, Abril/99

Porto, Juliana. **Invisibilidade social e a cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design/PUC-RIO, 2006.

Roudinesco, Elisabeth & Plon, Michel. (Org.). **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Silva, Joyce Mary Adam de Paula & Salles, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, n. 2, p. 217-232, 2010.

Soares, Luis Eduardo; Bill, MV & Athayde, Celso. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.



Agressão, indisciplina e violência: tríade em fios de (in)visibilidade na educação contemporânea

Antonia Magaly Conceição de Oliveira & Antonio Geraldo da Silva Sá Barreto

Souza, Simone Vieira de. **O estudante (in)visível na queixa escolar visível**: um estudo sobre a constituição do sujeito na trajetória escolar. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.